



A falta que um/a coordenador/a faz

Cláudia Oliveira

1

Quando a diretora anunciou que a mãe do aluno tinha reclamado o direito do filho de fazer a prova na escola juntamente com os outros, a primeira reação do professor de Geografia foi insatisfação, depois uma irritação contida. Gimenes ouvia cada palavra como uma crítica abertamente dirigida a ele. Enquanto o próximo assunto da pauta era anunciado, ainda balançava a cabeça negativamente.

Após a saída da diretora, ele levantou e repôs as cadeiras em volta da mesa onde acabara de lanchar. Deu algumas voltas pela sala e, finalmente, se dirigiu até a porta. Olhou de súbito para fora e voltou dizendo:

— Estou cansado. Você notou a alteração na voz? A gente vai falar e ela aumenta o tom. Vejo que isso vem se repetindo, rapaz. É difícil trabalhar assim.

Borges, o professor de física, assentiu:

— E esse combinado foi feito entre professor e aluno, ninguém deveria intervir. A mãe quer que o filho faça as provas na escola, mas é impossível. São as provas do bimestre, como vamos atender a ele e aos outros 40 alunos?

— Depois é a gente que tá dificultando, é a gente que tá fazendo as coisas erradas. Estava tudo acertado. E como vai ser isso? A minha matéria tem muita imagem. Não tenho curso de ledor, então como vou descrever de modo que ele entenda? Não dá! Não dá!

Até ali eu observava calada. Era uma estagiária, estava na escola há poucos dias, não sabia se podia perguntar algo. Mas não pensei muito.

— Mas, e o aluno? — ousei indagar — Ele tinha concordado em fazer a prova em casa? Silêncio.

Gimenes marchava de um lado para o outro dentro da sala. Foi o Borges quem me respondeu:

— Já tínhamos combinado com ele na semana anterior às provas. Ele recebeu o arquivo em PDF e podia usar o leitor do celular para ler a prova.

— A mãe sabia? Eu estava presente quando ela perguntou o motivo de Márcio não fazer a prova na escola. — questionei.

— E a mãe tinha que saber?

Fiquei perplexa. Para os dois professores tudo estava claro: a mãe não tinha nada que se envolver, o filho tinha concordado e a direção estava exigindo demais. O rapaz poderia usar o leitor do celular para responder a prova em casa, já que na sala os outros alunos escutariam as respostas dele.

“A mãe tinha que saber?”

Essa pergunta indicava como os professores pensavam que a situação deveria ser solucionada, mais do que isso: denunciava os hiatos comunicativos entre a gestão, professores e pais. A incompreensão e a antipatia eram visíveis no dito e não dito. Por que não apresentaram suas opiniões quando a diretora falava sobre o caso? Por que, apesar de discordarem, todos ficaram em silêncio? Silenciar faria alguma diferença naquela situação? Aprendi com Pimentel (2014) que os silêncios a fim de evitar maiores desentendimentos

só aumentavam “profundamente as distâncias simbólicas que delimitam as fronteiras entre uns e outros”. O fato era que aquele era o modo em que as coisas estavam sendo resolvidas ultimamente. Cada um ocupava sua própria ilha e há muito desistiram de tentar alguma forma de comunicação. Não havia pontes nem alguém disposto a construí-las.

Se nem mesmo os professores conseguem dialogar abertamente, incluir os/as alunos/as e garantir que seus direitos sejam respeitados se comprometendo com seu papel, como serão capazes de conduzir os estudantes para algum lugar diferente do que já ocupam?

Lembro-me de ter ouvido que situações como aquela eram corriqueiras desde que a coordenadora se afastou para cuidar do pai. “Se Lúcia estivesse aqui, as coisas seriam diferentes”, alguém disse certa vez no corredor. Lúcia fazia valer o que disseram Ramos e Waterkemper (2013): articulava ações que possibilitavam a superação de obstáculos, a socialização de experiências e a discussão sobre as dificuldades enfrentadas.

Sua falta era sentida tanto quanto o seu retorno era desejado. Sua ausência demonstrava que a coordenação é o elo. O/A coordenador/a pedagógico/a é quem une os diferentes grupos que formam a escola e, juntamente com eles, constrói as pontes que permitem o diálogo e a escuta. Embora sua principal função seja planejar e acompanhar o processo didático, ele/a viabiliza a aproximação da comunidade escolar incitando a conversa aberta, facilitando a discussão e mediando as decisões a fim de criar um ambiente onde os direitos sejam respeitados.

Eu estava mergulhada em meus pensamentos quando a diretora retornou à sala avisando que tudo estava resolvido: o diretor, a professora de matemática e uma auxiliar fariam o rodízio para aplicar as provas de Márcio.

Gimenes olhou para Borges e deu de ombros. Limitou-se a dizer: “Que bom.”

A diretora sentou-se. Naquele dia, tinha se esforçado para que as provas fossem aplicadas em todas as turmas. Andava desde cedo para todos os lados contatando professores/as, distribuindo provas, reorganizando horários, liberando alunos... Suspirou pesadamente e, como se fizesse uma prece, olhou para o teto. Ela também desejava que Lúcia voltasse.

Levantou-se rapidamente para receber Márcio que viera fazer a primeira prova.

Referências:

PIMENTEL, Álamo. Atitude etnográfica na sala de aula: descolonizando os processos de ensino. **REALIS**, v.4, n. 02, p. 49-71, Jul-Dez. 2014.

RAMOS, Daniela Karine; WATERKEMPER, Sandra Regina Hoepers. O coordenador pedagógico e as relações interpessoais no contexto escolar: entre percepções e ações. **Dialogia**, São Paulo, n. 17, p. 159-171, jan./jun. 2013.